



# Design, diários e materialidades: diálogos entre estratégias de projeto

Victor Silva Morais Furtado<sup>1</sup>;

Claudia Teixeira Marinho<sup>2</sup>;

Bruno Ribeiro do Nascimento<sup>3</sup>.

---

## resumo:

Este artigo apresenta o relato de processo da pesquisa 'Diários, Design e Materialidades: o projeto editorial como estratégia poética de publicação de diários íntimos'. O trabalho parte da definição conceitual de diferenciação entre a 'obra textual' e a 'obra livro', e propõe uma abordagem poética da prática de projeto através de aproximações entre processos investigativos da arte e do design. Tomando o projeto editorial sob um olhar experimental, o trabalho se dispõe a refletir sobre as diferentes autorias que cruzam os diários íntimos e os livros quando estes passam pelo processo de editoração e publicação. Toma-se o livro 'Quarto de despejo: diário de uma favelada', de Carolina de Jesus, como objeto da pesquisa estruturante a um *corpus* investigativo que se constitui dos relatos e os processos de produção-criação da autora, perfazendo uma poética que é adotada como referência para o desenvolvimento de um projeto editorial que se desdobra para o espaço urbano e articula-se pelo viés da apropriação de proposições estéticas da autora, colocando obra e processo de Carolina de Jesus como estratégia relacional para a fundamentação do projeto. A pesquisa resultou em uma série de intervenções urbanas em formato de murais que foi obtida por meio da relação de dinâmicas estabelecidas entre a práxis do design(er) e o processo analítico de percursos artísticos.

## palavras-chave:

Design; Diários íntimos; Materialidades; Quarto de despejo; Ferramentas de projeto.

---

*Espaço reservado para organização do congresso.*

---

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/1331961747990099>

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/9847169426586898>

<sup>3</sup> <http://lattes.cnpq.br/0721628843874792>



## 1. Apresentação

Em um campo ampliado das poéticas contemporâneas, design e arte se encontram como práticas que configuram modos de ver e ser no mundo. Colocando em perspectiva os processos da arte e do design, intui-se uma dinâmica comum de transformação das subjetividades dos agentes envolvidos nos processos de produção e que envolvem proposições e construções que nem sempre se mostram visíveis nas configurações dos artefatos. Apreende-se, portanto, que o desenvolvimento de um projeto envolve a construção de uma materialidade que ancora essas proposições, havendo uma possibilidade de expansão dos terrenos de atuação da arte e do design em direção a territórios não determinados *a priori*; um deslocamento por entre códigos, procedimentos, interesses, modos de misturar para compor novas redes de sentidos nos modos de ver e ser no mundo.

Apresenta-se neste artigo o relato de um projeto de pesquisa que busca aproximações entre design e literatura através de projeto de intervenção-gráfico (como experimentação poética formal), partindo da obra ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’ de Carolina Maria de Jesus, de modo a investigar e relacionar as feições do livro e da escrita de diários íntimos enquanto materialidade e argumento de uma proposta de design - convergindo os saberes das artes e colocando-os como potencialidade para a criação no âmbito da prática de projeto.

Adota-se, como estratégia para a aproximação entre os fazeres da arte e do design, uma abordagem processual do projeto, tomando como fundamento as estratégias oferecidas pela Crítica Genética (SALLES, 1998), que aborda os processos estruturantes do fazer criativo a partir da análise dos rastros deixados pelo artista durante o desenvolvimento de um projeto. Ao colocar em foco a dinâmica investigativa que é realizada no processo de produção “criativa”, a autora fala sobre um tipo de pesquisa realizada pelos próprios produtores em seu trabalho de compreensão do trajeto de suas produções ou, em um contexto geral, a partir de uma demanda comunicativa existente no processo: de produção de diálogos de natureza inter e intrapessoal ao longo das cadeias que definem os sistemas de criação. A autora fala também sobre a concretização de um projeto como uma ação poética, a qual ela define como uma recompensa material que envolve o fazer criativo, constituído pelo trabalho de manipulação de materialidades diversas. Seria o pensamento transformado em ação que se move em direção à estrutura em formação (*Ibid*, 1998, p.52).

Parte-se desse argumento para uma abordagem processual do projeto, buscando aproximações entre os fazeres e saberes emergentes em um processo poético que define o foco da pesquisa, articulando termos (estratégias) do design editorial, e os relatos e as dinâmicas produtivas-criativas de Carolina Maria de Jesus no livro ‘Quarto de Despejo’.

As formas de entendimento e de criação dentro do processo de projeto se materializam por meio de estratégias de representação e apresentação de proposições gráficas, fazendo parte da narrativa do próprio projeto como estratégia central de construção. Os diferentes conhecimentos investigados são articulados nas redes que compõem o projeto em diferentes arquivos de texto que tomam forma em um diário de projeto e no diário íntimo do autor, o que se colocou como uma das maneiras de experimentação da pesquisa: investigar a linguagem dos diários por meio dela mesma.

## 2. O livro como território de experimentação

O vasto corpo teórico em torno do livro como artefato demonstra o fascínio e a importância deste objeto para a sociedade. Resulta-se disso o entendimento notório de que o livro e os elementos de sua produção se configuram como uma forma material de atuação simbólica, perfilando modos de ver e ser no mundo. Concernente a estas formas de atuação, o campo do Design abarca o livro como uma de suas possibilidades de produção e de experimentação. Complementar à importância simbólica destes artefatos, está o ato de leitura dos mesmos. Aquilo que é entendido pela leitura de um texto modifica-se entre leitores individuais e comunidades de leitores, haja vista as diferenças culturais e interpretativas de cada indivíduo. O contato com a leitura passa sempre pela mediação de uma materialidade que é imprescindível às significações possíveis de interpretação de determinado texto (CHARTIER, 1994),



esta materialidade de potências interpretativas é articulada por conformadores e, neste caso, um designer.

Devido a isso, pode-se depreender uma diferenciação entre a 'obra escrita' e a 'obra livro' (*Ibid*, 1994; SILVEIRA, 2008). Dessa forma, entende-se que os livros e as possíveis leituras de seus conteúdos são resultados de uma articulação complexa de materiais, processos e autorias diversas em um único objeto. Visando contribuir com esta ótica de complexidade e abertura criativa, o relato de pesquisa apresentado tece suas ponderações acerca de formas de expressão poética por meio da materialidade dos artefatos como linguagem sensível à leitura de um projeto editorial que afeta não apenas seus leitores, mas também seu conformador.

Da mesma maneira, o entendimento do livro como estrutura espaço-temporal, onde é possível inserir diferentes linguagens reflete-se no processo de escrita de diários íntimos, e o funcionamento destes artefatos são tomados por esta pesquisa como elementos de linguagem imprescindíveis ao processo de comunicação e abertura de possibilidades interpretativas do próprio projeto. Para isso, a investigação traçada aplica suas reflexões com base na obra 'Quarto de despejo: diário de uma favelada' de Carolina Maria de Jesus, obtendo como resultado a projeção de um modo de expressão que dê vazão e abarque as potências poéticas do conteúdo da obra por meio de sua forma.

### **3. Estratégias de Composição e as potentes materialidades do Quarto de despejo**

A pesquisa se inicia com a leitura e exploração dos diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, uma mulher e escritora negra, nascida na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, em 1914. A escritora lidou por toda a sua vida com sua condição marginalizada devido à sua classe social e à cor de sua pele. Durante a infância, teve pouquíssimo espaço de contato institucional com a educação. Apesar disso, o pouco tempo que estudou foi o bastante para que aprendesse a ler e a escrever, não só por obrigação, mas como um interesse pessoal que lhe causava encanto (ALVES SANTOS, 2015).

Em 1937, por volta de seus 33 anos, migrou para a cidade de São Paulo em busca de ofertas de trabalho e melhores condições de vida. Durante este período, era crescente um fluxo migratório rural em direção às cidades jamais visto até então em solo brasileiro. Em meio ao desigual processo de urbanização da cidade de São Paulo, Carolina terminou por se instalar na extinta favela do Canindé, às margens do rio Tietê.

Inicialmente trabalhando como empregada doméstica, teve que abdicar deste trabalho ao engravidar do primeiro de seus três filhos. Desempregada e mãe, tornou-se catadora de lixo para ter alguma fonte de renda e, assim como fez seus próprios diários por meio de folhas e agendas que achava, Carolina se fez também como escritora. A partir do hábito de escrever seu diário pessoal após sua jornada de trabalho, a autora de 'Quarto de despejo' passou a ver o campo da Literatura não só como local de seu maior sonho de atuação profissional, mas também como um meio de se manifestar politicamente acerca do descaso social vivido pela população favelada da qual fazia parte.

A escritora tentou algumas vezes por conta própria fazer com que seus textos fossem publicados, sem, no entanto, conseguir êxito algum. Porém, em 1958, o jornalista da Folha de São Paulo Audálio Dantas, durante uma reportagem na favela do Canindé, chamou-lhe a atenção uma mulher que brigava com os moradores do local sob a ameaça de colocá-los em seu livro. Curioso acerca daquela advertência, o jornalista então questiona Carolina sobre que livro seria este. É desse modo que Audálio entra em contato pela primeira vez com os manuscritos que futuramente resultariam em 'Quarto de despejo'. A partir deste acontecimento, e após uma articulação de publicidade e editoração sobre a autora e o conteúdo da obra, o sonho de Carolina finalmente ocorreu, e assim 'Quarto de Despejo' consegue ser publicado.

Composto por parte dos diários de Carolina Maria de Jesus e publicado pela primeira vez em 1960, o livro começa com uma entrada que data do dia 15 de julho de 1955 e tem seu último registro em 1º de janeiro de 1960. Na leitura da obra, nos deparamos com a descrição de Carolina sobre sua dura realidade enquanto escritora, mãe e favelada.

Além da escrita e do conteúdo notáveis da obra, o sucesso comercial do livro o colocou em posição de destaque dentro do mercado editorial brasileiro e contribuiu para sua projeção internacional.





Recentemente, consequente a sua considerável contribuição à literatura brasileira, Carolina de Jesus foi contemplada no ano de 2021 com o título de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Devido a essa conjuntura, a vida e a publicação da autora foram tomadas como ponto de partida da presente pesquisa.

### **3.1 A meta-materialidade dos diários íntimos**

Em se tratando de forma, os diários íntimos podem se apresentar de maneira diversificada. Parte dessa liberdade advém das diferentes experiências que podem ser retratadas sob um viés bastante subjetivo, desde sonhos e ficções até afazeres rotineiros e acontecimentos de extrema importância para a vida do autor (BLANCHOT, 2005). A construção ao longo do tempo também faz parte das características importantes a categorizar o artefato ‘diário’ como tal. Na composição de suas páginas se configura uma tentativa de captura do passar do tempo (CUNHA, 2007). A escrita íntima é caracterizada pelo seu fracionamento contínuo e falta de elaboração, dando vazão predominante aos sentimentos e sensações internas, os diários são compostos por registros descontínuos do efêmero (DIDIER, 1996).

Ao pensarmos a comunicação destes artefatos por meio de suas formas, é imprescindível lembrar que ao conceituar a ‘escrita’ de diários, leva-se em conta não só o ato de escrever propriamente, mas também se considera diferentes formas de intervenção, entre elas: o acréscimo de fotos, de recortes de jornal, de rascunhos para outros textos, de lembretes, de ilustrações e até mesmo o acréscimo de contas financeiras (DIDIER, 1996). A abertura a diferentes tipos de execução proporciona interessantes provocações acerca das diferentes autorias do próprio diário. Este se coloca como um portal de ressignificação sobre aquilo que lhe é afixado ou gravado. Ao colocar-se determinado material por sobre o diário, este se integra e é abraçado como componente de funcionamento dos elementos de linguagem dos diários íntimos.

Portanto, depreende-se que diários íntimos são entendidos como tal por meio de sua feitura. Este artefato convoca em sua criação de forma e conteúdo a incorporação de diferentes materialidades. Somente sob o crivo subjetivo de seu autor àquilo que será incorporado, a “forma-significante” é uma característica intrínseca à comunicação destes artefatos (PLAZA, 1982).

### **3.2 A materialidade como atuação do designer**

Como resultado de um estudo de aproximação entre complexidades e subjetividades, a pesquisa desenvolvida relaciona aspectos concernentes a diferentes áreas por meio do design e de suas noções de métodos e modelos de investigação que são bem quistos às práticas de projeto. Devido a isso, o trabalho não extrapola a ideia de que a atuação do design se pauta nas formas dos artefatos, mas entende que estas formas são projetadas e articuladas sob diferentes contextos e objetivos. Tais aproximações são melhor evidenciadas quando o campo do Design é observado sob parte de sua origem nas artes de vanguarda. A crítica vanguardista surge como disrupção em meio às crescentes transformações do mundo moderno, e, para além de transmitir o emocional em sua produção, a arte agora passa a ser constitutiva da realidade e provocadora de realidades implícitas (BÜRGER, 1974 *apud* CAPARELLI, GRUSZYNSKI & KMOHAN, 2000). A constituição epistemológica das vanguardas possui sua produção de sentido ao não se separar o projeto estético do projeto teórico.

Dessa forma, voltando-se aos aspectos materiais da composição de objetos artísticos capturados pelo cientificismo e pela economia, a produção artística passa a buscar novas dimensões da poesia que era cerceada pela divisão modernista dos processos tecnológicos que colocavam a expressão subjugada aos processos industriais. Dentre exemplos desta movimentação artística, está o uso de tipos e de letras na materialidade de peças gráficas. De maneira inovadora, as letras deixam a forma rígida e gramatical da composição do texto escrito e libertam-se adquirindo um caráter imagético e ressignificado dentro da comunicação visual. Essa fragmentação do modo de pensar a arte e suas materialidades dizia respeito não só à matéria-prima dos objetos artísticos, mas também ao seu pensamento ideológico e seus espaços de funcionamento. A articulação material de conceitos e realidades, no caso das vanguardas, transformava os modos de mediação daquilo que era passível de ser comunicado. É sob este mesmo



olhar que se deu o processo de projeto aqui apresentado, colocando as dinâmicas e as singularidades dos conteúdos investigados como parâmetros de mediação entre estudo e forma do projeto.

#### **4. Estratégias de Realização – inscrição, armazenamento e experimentação**

As ferramentas de representação utilizadas no decorrer da pesquisa colocaram-se como uma forma de materializar as interações entre entendimento e criação dentro do processo de projeto, a sua construção se coloca como estrutura argumentativa e analítica de entendimento da criação e de articulação de conteúdos por parte do designer. A narrativa desta pesquisa em específico se dá por meio de duas plataformas principais: a primeira sendo um arquivo em *Google docs* que funcionou como diário de projeto ao longo de todo o percurso; e a segunda sendo o próprio diário íntimo do autor, que não necessariamente tratava dos aspectos conteudistas e objetivamente narrativos do projeto, mas tratava de relatar as encruzilhadas e impressões mais pessoais para com aquilo que foi desenvolvido.

Essa estratégia de comunicação intra e interpessoal como maneira de compreensão da própria obra por meio de sua narrativa (SALLES, 1998) é traçada junto à perspectiva dinâmica de produção do design, que comumente põe em evidência sua natureza multidisciplinar e transversal na construção de proposições. Consequentemente, as reflexões são potencializadas pelas ferramentas de representação utilizadas, pois estas colocam os diferentes conhecimentos na posição de produtores de referências e contextos sobre o trabalho, o que por vezes dá margem às aproximações conceituais feitas (LATOUR, 2001). O estabelecimento de referências entre as plataformas de documentação fortaleceu um aspecto peculiar da metodologia desta pesquisa. Ao colocarmos as técnicas de investigação utilizadas no trabalho como registro de criação dentro do diário de projeto, por exemplo a revisão bibliográfica, estabeleceu-se um ponto-chave na construção do processo, pois a metodologia de pesquisa e a metodologia de projeto foram amalgamadas em um único procedimento. Em outras palavras, a estratégia de projeto serviu de análise textual e de análise de seu próprio processo.

#### **5. Realização**

No decorrer da disposição estruturante das metodologias como forma de criação de possibilidades de interpretação por meio do processo, estabeleceu-se que o ‘momentâneo’ configurava um modo de pensar uma abstração à interpretação da obra. Para isso, foram desenvolvidas três análises, de maneira a compreendê-lo como potência criativa, forma e leitura dentro do trabalho de Carolina; da produção da presente pesquisa; e da leitura que o projeto como um todo propõe. A partir do estudo da vida da poeta, de seu livro e da composição deste em se tratando de diários íntimos, observou-se diferentes maneiras de expressão dos aspectos do ‘momentâneo’ na subjetividade, no corpo e na escrita de Carolina. O estado vagante da escritora coloca-se como parte integrante da manifestação, do nascimento e da impressão de seus escritos. Devido a isso, aproxima-se a percepção de Carolina à figura do *flâneur* sob a perspectiva de Walter Benjamin, onde se estabelece uma relação de troca mútua, sendo a existência do ser vagante alimentada pela existência do espaço urbano (BESSA, 2006). Desdobrando-se mutuamente, cidade e corpo vagante se colocam como paisagens um para o outro. Percebendo o momentâneo como possibilidade potente à expressão da escritora, fez-se necessário observar a materialização das potências de sua existência por meio de suas palavras. Ao fazer uso de períodos curtos, as palavras, as linhas e os períodos ‘carolínicos’ convidam seus leitores a entrarem em um estado de reflexão profunda. Essa relação de contemplação entre leitura e leitor por meio de poucos, ou até mesmo um único tópico frasal, estabelece uma experiência semelhante à leitura de haicais<sup>4</sup>.

Em se tratando da produção do projeto em si, optou-se pela utilização apenas de papéis já descartados como matéria-prima, pois assim seria possível colocar-se as mesmas lentes que Carolina usava para enxergar a cidade, de modo a encontrar e ressignificar aquilo onde comumente julga-se não haver quase nenhum significado: no lixo. O processo de catação precisou ser realizado por intermédio

---

<sup>4</sup> Haicai, igualmente chamados de Haiku ou Haikai, é um tipo de poema curto de origem japonesa, composto por três versos (terceto), ou menos, e com forte apelo poético.





de uma empresa de reciclagem, pois assim pode-se garantir o cumprimento às medidas de segurança ante uma possível contaminação do vírus da Covid-19.

Ao definirmos o “achar papel” como escritura do projeto, o momentâneo tornou-se um elemento de linguagem na produção do resultado desejado, pois para ocorrer o encontro do designer com os papéis julgados pertinentes ao trabalho foi exigido um tempo-espço específico. A escolha de diferentes papéis para a proposta gráfica do trabalho incorpora a ‘forma-significante’ diarística, extrapolando a comunicação escrita como único meio de produção de diários, indo em direção ao acréscimo de diferentes intervenções como característica intrínseca à expressão desses artefatos e, consequentemente, do projeto desenvolvido. A abertura à criação se dá por meio das possibilidades incertas e aleatórias de papéis a serem encontrados, toma forma nos momentos onde os materiais são finalmente encontrados e, quando as imagens selecionadas são organizadas de uma maneira nova, as mensagens evocadas pelas imagens agora ressignificadas se modificam. Para tanto, nos valem da técnica de colagem, pois esta funciona de modo a unir todos os componentes gráficos anteriormente fragmentados.

Dessa forma, por meio das colagens, foram ilustradas as cinco categorias conceituais definidas como temáticas centrais de ‘Quarto de despejo’ pelo autor: Vida; Morte; Despejo; Deleite; e Revolução (Figura 1). Cada categoria possuía um grupamento de trechos selecionados ao longo de todo o livro que dessem margem a uma interpretação ‘haicanesca’ por meio de suas palavras, e que possuíssem em seu conteúdo alguns aspectos da escrita diarística, como a expressão consideravelmente intimista e fragmentada dos pensamentos, e a tentativa de captura do tempo. Por meio da digitalização e reprodução das colagens obtidas, surgiu a ideia de destinar a fixação do projeto ao espaço urbano, pois assim é proposto um tipo de fruição aos leitores que aproxima materialmente a implementação e leitura do trabalho aos aspectos do ‘momentâneo’. Aplicado em formato de murais na cidade, o projeto exige em sua leitura uma existência na cidade e, assim como as diferentes efemeridades de Carolina, vai embora junto com o momento que a trouxe. Em outras palavras, a conformação física atribuída ao projeto sorve o momentâneo e o ato de vagar pela cidade como estratégia integrante à provocação de leitura do conteúdo da obra literária estudada.



Figura 1 – Colagens das categorias conceituais.  
Fonte: Os autores

Com a definição de parte dos aspectos centralmente imagéticos do trabalho, foram utilizados artifícios de comunicação concernentes ao campo do design como uma maneira de integrar os resultados produzidos ao material textual selecionado. Partindo da visualidade original de Q.D. nos manuscritos digitalizados da autora e, baseando-se na caligrafia da poeta, foram desenvolvidas reproduções tipográficas a serem utilizadas como elementos textuais do projeto (Figura 2). O texto-imagem funcionou como maneira de evocar a autoria de Carolina sobre a ‘obra-texto’ por meio da ‘obra-livro’.



**JOP'21  
DESIGN**  
II Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA



O volume textual foi integrado à composição mais imagética partindo da máxima de que deviam partilhar o mesmo suporte. Sendo assim, os trechos selecionados de cada categoria foram dispostos nas mesmas folhas pautadas utilizadas na produção das colagens principais (Figura 3).

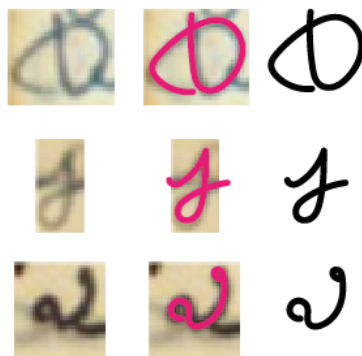


Figura 2 – Reprodução digital em vetor dos caracteres <D>, <j> e <v> respectivamente  
Fonte: Digitalização por MARTINS, Letícia Guimarães; Ilustrações na cor rosa e cor preta pelos autores



Figura 3 – Elementos a comporem o mural de 'Morte' separadamente  
Fonte: Os autores

As possibilidades de composição trouxeram dinamicidade ao que era passível de se obter como aspecto final. Devido a isso, a disposição escolhida dos elementos dos murais se colocou como um modo de articular graficamente os diferentes significados de cada categoria (Figura 4). A depender da situação e do espaço disponível, duas ou mais categorias podem ser dispostas a interagir uma com a outra na aplicação, o que pode também ser utilizado como provocação à produção de novas interpretações emanadas pela forma da composição. Em decorrência da pandemia de Covid-19, não foi possível aplicar todas as possibilidades de murais *ipsis litteris* à projeção feita, o que afetou também as dimensões dos murais, que precisou ser reduzida. Mesmo com as intempéries à aplicação do projeto, foi a partir desses aspectos de cerceamento àquilo que poderia ser feito que o resultado pôde compreender o funcionamento de sua própria gramática da forma e ter sua aplicação 'piloto' realizada (Figura 5).





# JOP'21 DESIGN

II Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA

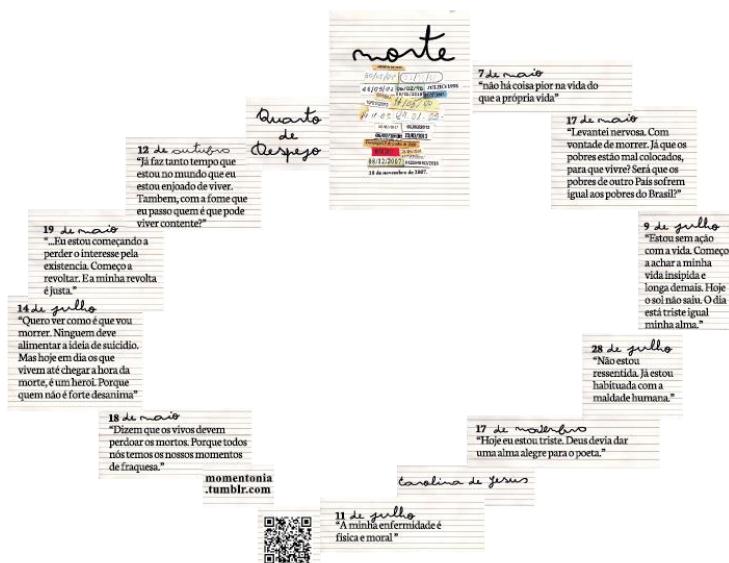


Figura 4 – Formato final da montagem do mural de 'Morte'

Fonte: Os autores

Junto à aplicação dos murais foi colocado o endereço eletrônico, bem como um *QR Code*, como maneira de redirecionar os leitores interessados pelo projeto ao blog também resultante do processo de pesquisa. O blog tem como objetivo divulgar a pesquisa e, ao mesmo tempo, analisar a construção da mesma ao longo do tempo, já que o conteúdo das postagens advém do diário de projeto feito pelo autor. Dessa forma, as postagens narram a construção da pesquisa por meio dos fichamentos, dos rabiscos e das anotações pessoais feitas<sup>5</sup>. Funcionando como um espaço de compartilhamento mais descontraído, o blog se propõe ao autor como um outro exercício de pensar os conteúdos que devem ou não ser publicados a partir de seu próprio diário, configurando uma maneira de rever seu processo e futuramente amadurecer os estudos das temáticas. Os resultados da pesquisa continuamente tornam-se ferramentas de representação de seu próprio processo.

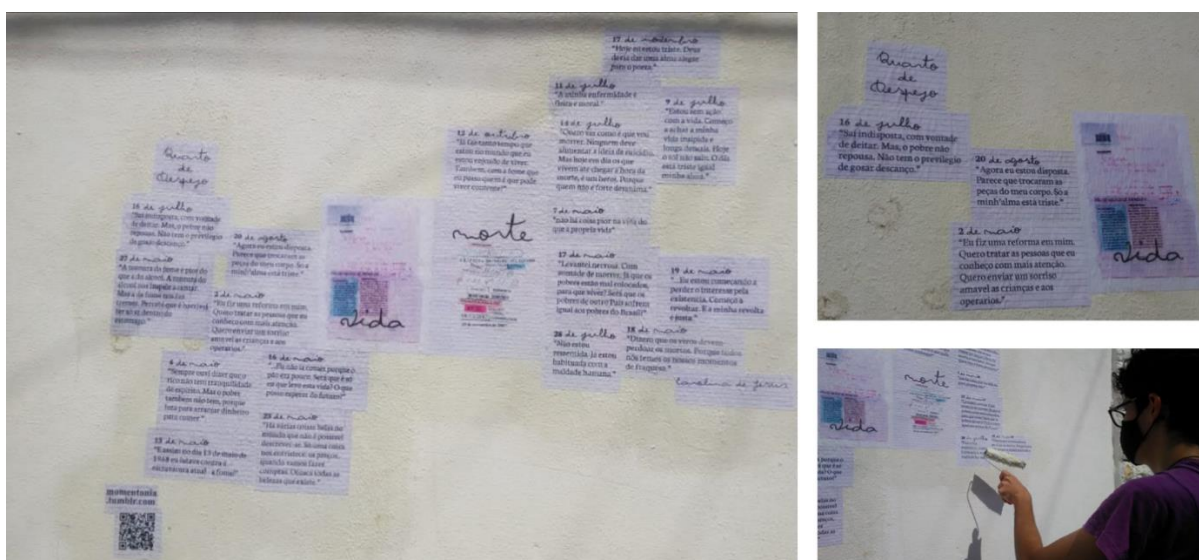
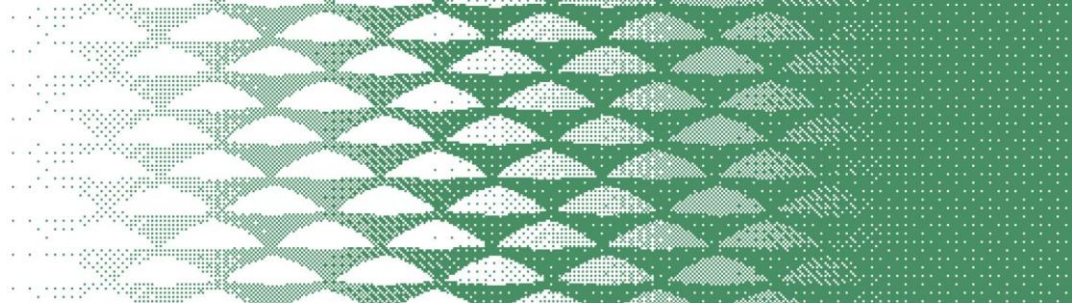


Figura 5 – Aplicação piloto

Fonte: Os autores

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://momentonia.tumblr.com/>>





## 6. Reflexão

Os resultados inusuais investem, por meio de seu formato e de seu processo, uma reflexão sobre como se (re)elabora uma prática de projeto de design quando se vale de suas próprias ferramentas de representação como meio analítico e poético. Ao fugir da disposição clássica de livro, a pesquisa se apropriou de uma experimentação formal de expressividade curiosa, de modo a unir diferentes conteúdos e complexidades por meio da poética. Como resultado final, fora proposto uma fruição que usa da materialidade de sua própria interface como elemento de linguagem, através de cinco murais a serem aplicados no espaço urbano, cujo objetivo era transmitir aos leitores os atravessamentos quistos aos conteúdos e às dinâmicas estudadas com relação aos livros, aos diários íntimos e ao trabalho de Carolina de Jesus.

Após a aplicação piloto, novas dinâmicas foram adicionadas à realização do projeto. Dentre elas está o desgaste e as diferentes intempéries sujeitas a ocorrer, características intrínsecas à arte urbana. Dessa maneira, a leitura em seu modo mais objetivo acabou se comprometendo, mas sob o ponto de vista imagético, o projeto se coloca como obra aberta a incorporar e a deixar-se ser incorporado pelas diferentes intervenções que está sujeito. No que tange às impressões específicas dos leitores, alguns comentários e reflexões foram estabelecidos organicamente por meio da comunicação virtual estimulada pelo blog. Por meio deste, foi possível encontrar leitores interessados pela proposta artística e pelo estudo da literatura de Carolina de Jesus. Para além disso, a apresentação em diferentes encontros do circuito acadêmico também se configura como uma maneira de colocar a pesquisa à frente de novos questionamentos e novas possibilidades.

A articulação entre os diferentes conteúdos e autorias fortaleceu-se quando conectada às inscrições e à maneira de auto documentação da pesquisa. As dinâmicas retratadas passam até o presente momento por um processo de revisitação e experimentação analítica, onde busca-se aspectos que podem ser aprimorados e quais outras temáticas são mais pertinentes a um prosseguimento das investigações feitas. Esta revisitação de si da pesquisa deglute a si própria e está sempre em movimento, cria e recria seus pensamentos e complexidades e escreve-se, assim como em um diário, dia após dia.

---

## Design, diaries and materialities: dialogues between design strategies

### Abstract:

This paper presents the process of the research 'Diaries, Design and Materialities: the editorial project as a poetic strategy for the publication of intimate diaries'. The work starts from the conceptual definition of differentiation between the 'textual work' and the 'book work' and proposes a poetic approach of the project practice through approximations between art and design investigative processes. Taking the editorial project under an experimental perspective, the work aims to reflect on the different authorships that cross the intimate diaries and books when they go through the process of editing and publishing. The book 'Child of the dark: The diary of Carolina Maria de Jesus' is taken as the object of the research, constituting an investigative corpus that is made up of the author's accounts and production-creation processes, making up a poetics that is adopted as a reference for the development of an editorial project that unfolds towards urban space and is articulated through the appropriation of the author's aesthetic propositions, placing Carolina de Jesus' work and process as a relational strategy for the project's basis. The research resulted in a series of urban art interventions that were obtained through the relationship of dynamics established between the praxis of the design(er) and the analytical process of artistic paths.

### Keywords:

Design; Diaries; Materialities; Child of the dark; designing tools.



**JOP'21  
DESIGN**  
II Jornada de Pesquisa do Programa  
de Pós-Graduação em Design - UFMA



## Referências bibliográficas

ALVES SANTOS, Lara. **Carolina Maria de Jesus**: análise identitária em Quarto de despejo - diário de uma favelada. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

BESSA, Beatriz de Souza. As experiências de Walter Benjamin. In: **Revista Morpheus** - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**, Editora Martins Fontes. São Paulo, 2005.

CAPARELLI, Sérgio.; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia.; KMOHAN, Gilberto. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 68-82, abr. 2000.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII, Editora Universidade de Brasília. Brasília: 1994

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. In: **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 3, p. 45-62, 2007.

DIDIER, Béatrice. El diario ¿forma abierta? In: **Revista de Occidente**, Madrid, n. 182-183, p. 39-46. 1996.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos, Editora EDUSC, 2001.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (I). In: **Revista Arte em São Paulo**, São Paulo, n.6, p.19-34, abr. 1982.

\_\_\_\_\_. O livro como forma de arte (II). In: **Revista Arte em São Paulo**, São Paulo, n.7, p.4-13, mai. 1982.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística, Editora Annablume. São Paulo, 1998.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008